



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar  
2004/2005**

**Brasília-DF, 28 de junho de 2004**

Primeiro, quero cumprimentar meu companheiro José Dirceu, ministro da Casa Civil,

Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu companheiro Dulci,

Meu companheiro Wagner,

Meu companheiro presidente do Banco do Brasil, Cássio Casseb,

Companheiro do Banco do Nordeste, Roberto Smith,

Companheiro do Banco da Amazônia, Mâncio Lima,

Minha companheira Marisa,

A Marina não está, mas o Langone está aí no lugar dela,

Meus companheiros senadores, está aqui a companheira Idalina,

Senadora Ceres,

Deputado Assis Miguel Couto,

Meu caro Valter Bianchini, meus parabéns pela apresentação,

Meu querido companheiro Manoel da Serra, presidente da Contag,

Meu companheiro Altemir Tortelli, da FETRAF-SUL,

Companheiro João Paulo, representante do Movimento dos Sem-Terra,

Minha companheira Euzébia, cuidado com esse cartão,

Meu caro companheiro Avelino Ganzer,

Meu caro companheiro de Caetés, Severino Ferreira da Silva. Tem tudo para ser meu parente porque tem o Ferreira e tem o da Silva. Então, tem tudo. Vamos descobrir se é meu parente mesmo.

Meus companheiros assessores de ministérios,



Companheiro da Embrapa, companheiro Clayton,  
Meu caro Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB,  
Trabalhadores do Movimento dos Sem-Terra,  
Trabalhadores e sindicalistas da Contag, de FETRAF-SUL,

Eu penso que seria desnecessário fazer, aqui, um pronunciamento, porque eu acredito que a novidade que vocês perceberam neste plano, aqui, foi uma mudança, ou seja, o dinheiro se espalhou pelo Brasil, porque a cultura dos empréstimos para a agricultura familiar, um tempo atrás, é que o nosso querido Sul do país ficava com quase tudo que era liberado. Até porque o Sul e o Sudeste têm o privilégio de, ao a gente anunciar aqui, já ser o mês que eles estão pegando o dinheiro. E nós, do Nordeste e do Norte, vamos pegar esse dinheiro lá pelo final do ano, começo do ano que vem, que é quando vem a época da chuva.

Mas os números, Rossetto, me impressionam e eu penso que isso deve deixar o meu companheiro presidente da Contag satisfeito, senão 100%, pelo menos em parte, porque eu acho que o movimento sindical também precisa começar a ser, cada vez mais, um agente conscientizador de que o pequeno produtor pode pegar o seu financiamento.

Mas a distribuição eu achei extraordinária, e eu acho que é importante a gente marcar bem esses números. Na safra de 2002 e 2003, portanto, a safra que nós herdamos, a região Centro-Oeste teve 30 mil contratos. Neste ano, nós tivemos 58.240 contratos. Na região Nordeste, na safra passada, teve 285 mil contratos. Este ano teve 563 mil contratos. No Norte do país, tivemos 35 mil. Tivemos, agora, 105 mil. O único lugar em que, efetivamente, houve uma certa paridade, foi a região Sul do país, porque mesmo a região Sudeste cresceu razoavelmente. E na região sul cresceu o equivalente a 13% o número de contratos. Isso nos dá alegria e nos dá a certeza de que os nossos bancos estão trabalhando com muito carinho nessa questão.



Eu quero aproveitar, na frente de vocês, que vão ter que visitá-los nesses próximos 12 meses para dizer ao Smith, ao Cássio e ao Mâncio, do reconhecimento do governo pelo excelente trabalho que vocês fizeram este ano. Vocês, um dia, vão contar para essa gente, aqui, como é que vocês encontraram esses bancos, para quem esse banco emprestava dinheiro, qual a dificuldade que as pessoas tinham para ter acesso aos recursos.

O Cássio disse muito bem, ou seja, além de ter melhorado muito, ainda este ano ele teve que formar mais 700 e poucos gerentes, porque é preciso que as pessoas compreendam que um cidadão que vai ao banco para pegar 2.500 reais tem que ter o mesmo respeito de um cidadão que vai pegar 3 milhões de reais. Ele é cliente do banco e está se beneficiando de uma política elaborada pelo governo e portanto, essa pessoa tem que ser bem tratada. Eu acho que isso já aconteceu, eu tenho tido depoimentos de pessoas que dizem, a toda hora, que estão sendo tratadas como gente, agora.

Pode ter uma ou outra região ainda com debilidade e, se estiver com debilidade, vocês precisam nos comunicar porque também, de Brasília, a gente não é obrigado a saber o que acontece em cada agência espalhada pelo Brasil afora. Se vocês não denunciarem, a gente não fica sabendo.

Eu até me esqueci, mas no ano passado, Euzébia, antes de você, uma companheira chamada Divina, lá de Formosa, foi a primeira pessoa a pegar o seu cartão de crédito – levanta aí Divina, para ver se você está... espero que tenha usado o seu cartão e que pretenda usar outra vez este ano; e todo ano a senhora volte aqui, para nos contar se o cartão funcionou, aproveita e já fala no ouvido da Euzébia se o cartão.....

Eu não queria fazer um pronunciamento não, eu estou contente com a fala dos meus companheiros, eu só queria lembrar duas coisas para vocês, duas coisas que eu acho importante lembrar aqui. O crescimento das famílias beneficiadas poderia ter sido maior. Chegamos a 97%, se compararmos com uma safra anterior, mas a verdade é que nós não conseguimos fazer com que



o crédito para a mulher do trabalhador, que era um desejo nosso na safra passada e para o jovem trabalhador, tivesse a procura que nós imaginávamos que fosse ter.

Possivelmente, com uma boa comunicação, quem sabe este ano a gente convença a mulher de que é importante ela fazer um projeto separado do projeto do marido dela, para que ela possa pegar o seu dinheiro e para que o filho também possa pegar o seu dinheiro. Qual era a idéia, quando nós lançamos? Era que numa propriedade de 20, 25, 30 hectares, pudesse ter três projetos distintos, em que as pessoas pudessem utilizar a multifuncionalidade da agricultura familiar na sua força total.

Eu acho que nós precisamos aperfeiçoar. Eu quero pedir à CONTAG, ao Movimento dos Sem-Terra, à Fetraf - Sul, a todos os dirigentes sindicais que no informe de vocês, passem para as companheiras, mulheres trabalhadoras, a idéia de que nós temos interesse em criar as condições para que ela possa fazer o seu projeto e retirar o seu dinheiro.

Uma outra coisa que eu acho importante é que muitas vezes se vende a idéia de que o trabalhador da agricultura familiar é sempre um coitadinho, sempre a parte mais pobre, mais abandonada. Vamos ver que falta muita coisa para a gente ter a agricultura familiar do jeito que todos nós sonhamos. Mas vamos ver o que faz a agricultura familiar.

Só para ter uma idéia da gravidade, nos anos anteriores, apenas 57% do dinheiro que era anunciado chegava na mão dos agricultores. Neste ano, nós superamos 85%, ou seja, precisamos chegar à perfeição e chegar aos 100%. E, aí, nós temos que fazer com que os bancos privados dêem a sua contribuição para que a gente possa ter a totalidade, não apenas dos 7 milhões mas, quem sabe, até complementar um pouco mais.

Eu vou dizer para vocês uma coisa: muitas vezes, por não saber o que está acontecendo, um presidente de um banco ou um ministro da Fazenda não pode tomar a medida que tem que tomar no tempo certo. Nós estamos



anunciando 7 bilhões. Dois bilhões, desses 7, é por conta dos bancos privados, e nós vamos ter que conversar com eles, para que coloquem à disposição.

Mas o que eu quero dizer, aqui, é o seguinte: nós estamos anunciando 7 bilhões, mas se aparecer pedido para 7,5 ou para 8, não faltará dinheiro para ajudar a agricultura familiar neste país. Vamos trabalhar com essa certeza, porque sempre é possível a gente arrumar um pouco mais.

Quero lembrar também que nós vamos aperfeiçoar a questão da assistência técnica. Nós achamos que levar acesso, à tecnologia, à agricultura familiar, é colocá-la num padrão competitivo com qualquer outro setor da agricultura no nosso país. Eu diria, até, com qualquer outro setor, em qualquer país do mundo. Eu vou dar um exemplo. A agricultura familiar gera 74% dos empregos no campo; ela responde por 31% da produção de arroz; responde por 67% da produção de feijão; responde por 52% da pecuária de leite; mas também é importante lembrar que os agricultores familiares foram responsáveis por um terço das 50 milhões de toneladas de soja, na última safra. Um terço foi da agricultura familiar.

E porque é importante dizer isso? Porque quando a gente fala em soja, logo aparece alguém achando que só os grandes fazendeiros produzem soja. Portanto, de 50 milhões de toneladas, um terço foi da agricultura familiar, o que não é pouca coisa. Mas, mais importante do que isso, 60% da produção de frangos e de suínos vem da agricultura familiar. Portanto, é necessário que a gente dê a devida importância a esse segmento da sociedade que, muitas vezes, não é reconhecido, ou não é levado em conta. E, às vezes, também, as pessoas não têm obrigação de conhecer. Vocês estão enfiados lá no meio do mato, as pessoas não tem nem obrigação de conhecer. É mais fácil conhecer quem está próximo da cidade.

E eu quero dizer para vocês que este Plano Safra que estamos lançando agora é o nosso segundo Plano Safra. Ainda temos, além deste, mais dois para lançar. E eu não tenho dúvida nenhuma de que, a cada ano que passar, nós



vamos dando razão a tudo aquilo que nós, a vida inteira, acreditamos: que é preciso fortalecer definitivamente a agricultura familiar, fortalecer os assentamentos neste país, porque o que se costuma dizer no Brasil é que assentamento não produz, é que o pequeno não produz. Os números mostram exatamente o contrário. Agora, não poderia produzir antes, se o dinheiro era anunciado na televisão, mas na hora que tinha que chegar ao agricultor, este não era nem recebido por um gerente do Banco do Brasil. Nem se fala no BASA e no Banco do Nordeste, que nem tratava mais com o pequeno.

Na medida em que se coloca esses instrumentos, sem fazer nenhum milagre, na medida em que se coloca esses instrumentos, que já eram para cumprir essa tarefa, para funcionar corretamente, a gente percebe o sucesso.

Eu quero dizer aos companheiros trabalhadores que estão aqui, ao companheiro Manoel Serra, que não tenha medo de reivindicar, Manoel. Não tenha medo. Nós, primeiro, achamos que o papel do movimento é reivindicar. Vocês reivindicam tudo aquilo que vocês acham que é importante reivindicar. Às vezes, vocês reivindicam coisas que é impossível o governo cumprir, e com a mesma lealdade que nós temos nos tratado nesses últimos 30 anos, eu vou dizer para você: eu posso, eu não posso. O que eu não quero, nunca, é criar as condições para que vocês não possam mais reivindicar para nós. Ou seja, eu prefiro vocês reunidos com os ministérios, com cada ministério que vocês quiserem se reunir, cobrando e exigindo, do que vocês não terem, como no passado, um lugar para poder extravasar as reclamações que vocês têm do governo.

Eu quero que vocês saibam que, mesmo quando tivermos divergências, o governo terá em vocês grandes companheiros para fazer as mudanças que o Brasil tanto necessita, para que a gente possa atingir uma sociedade justa e solidária, sonhada por todos nós.

Eu quero que os trabalhadores que peguem o dinheiro, já, a partir de agora, consigam produzir. Vamos pedir para que São Pedro nos ajude, que



nem chova demais e que nem chova de menos porque aí, o Chico Menezes, coordenando o Consea, vai perceber que a gente vai ter mais dinheiro para comprar alimento, para garantir que chegue alimento na casa das pessoas e a gente vai poder concretizar os nossos sonhos, acumulados durante tantos e tantos anos.

Eu quero agradecer ao Paulo, que é o presidente da Associação Nacional dos Prefeitos que está aqui, certamente, de uma cidade pequena do Rio Grande do Sul, onde a agricultura familiar tem um peso muito importante, senão ele não estaria aqui. Quero dizer para todos vocês que contem, não com o Presidente, mas com a totalidade deste governo, porque nós acreditamos que a agricultura familiar, além de produzir alimento, produz uma coisa mais importante: produz cidadania, produz dignidade e produz respeitabilidade.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.